

bukowski e a dona fulana

By maggiar villar de casanova
maggiarvillar@hotmail.com

o dia hoje está lindo. é um convite para quem gosta de aproveitar a vida e curtirla como ela merece ser vivida. acho que vou atacar de deus baco, o deus do prazer máximo. do vinho e bacanal.

o sol aqui está de rachar o lombo e o coco de quem se atreve a andar por aí, numa tarde de segunda-feira brava. o sol daqui parece o sol do mediterrâneo. a vantagem de ser escritor é que somos escravos intelectuais e temos o privilégio de poder ficar na boa, na sombra com água fresca e água de coco à vontade, escrevendo nossas piras. tenho um pouco de pena dos que fazem outros tipos de atividades e têm que andar por aí nesse sol escaldante se ferrando pra caramba.

mas nem todos podem ser escravos intelectuais. o mundo precisa também do “senso comum”. as praias da costa brasileira devem estar fervendo. já visitei e curti muitas praias, muitos lugares lindos e gostosos neste verão escaldante sulamericano.

o brasil é realmente um país abençoado e bonito por natureza. todo mundo vem para cá. a galera mais cabeça e endinheirada do norte do continente e da europa inteira prefere vir para cá nesta época do ano, para fugir do horrendo frio abaixo de zero. cruzei muitos gringos e gringas, é claro, por toda parte em que passei.

em porto seguro e salvador, a cidade mais famosa do brazuca lá fora, curti uma de gringo. depois vou escrever um conto sobre essa cidade muito crazy. principalmente sobre a festa de réveillon, onde fui ludibriado por duas fakes chamadas rosa juliana e dulce ferraro ou ferrero, as tais organizadoras da famosa party. o sobrenome de uma delas combina bem com o tipo de pessoa que é. ferraro. ferrero. tanto faz. é uma fake que só quer ferrar a galera de turistas e até alguns soteropolitanos. eu fui um deles. turistão, caí feito pato no golpe das tais fulaninhas. até o f.f. copolla parece que estava por lá. a fatura pelo fake sairá cara para elas.

minhas melenas e aparência de guerreiro e galdério gaúcho ajudaram a passar por gringo. meus cabelos longos são minha espécie de fetiche. como a cidade do poeta maldito gregório de matos, o boca do inferno, é uma cidade tipicamente turística, ficou mais fácil para tirar uma onda de gringo. e porque me safo muito bem em inglês, evidentemente.

aliás, só voltei para fazer isso que estou fazendo agora. para escrever muito. escrever e ler um bocado de livros. como estou indo para o mestrado e depois doutorado, pretendo ler pelo menos uns oitenta livros este ano. minha premissa é ler muitos livros nos próximos anos, até terminar minha livre-docência. eu disse premissa e algum leitor mais atento deve ter pensado: “será que entendi direito?”. confirmo. é isso mesmo. minha premissa, porque todos os homens são mortais. eu sou homem, logo, sou mortal.

mas tenho minhas conclusões e partilho minhas idéias com outros conceitos. meu guru atrevido, pirado, incompreendido, injustiçado, apavorante, inteligente, e, acima de tudo, só valorizado fora de seu país, os eua, o dirty-old-man, charles bukowski tem uma tese muito boa. o velho e maldito bukowski tinha um conceito filosófico sobre a vida muito convincente. ele afirmava categoricamente que só há duas saídas para o ser humano: a morte ou a loucura. eu concordo plenamente.

concordo plenamente com o velhão autor de “cartas na rua”, mas faço questão de acrescentar mais uma saída. uma espécie de “escape” ou paliativo para aliviar e até retardar um pouco a nóia de ter que enfrentar o fim, a dona morte, que ele criou como personagem de seu último livro, “pulp”, que foi publicado apenas uma semana antes de seu encontro com a dona fulana.

minha pira acerca do fim de todos os mortais é que há um paliativo para enganar a fulana que tem um encontro certo marcado com todos nós. só que para conseguir esse paliativo e retardar o encontro fatal é um bocado difícil de conseguir. eu e muitas pessoas estamos perto de conseguir esse antídoto provisório. que fissura que o leitor não deve estar para saber logo o que é. calma, galera! uma das armas, um dos caminhos para se conquistar o tal paliativo é justamente ter muita paciência e stress zerado. toma lá, então. é o caminho do zen. antes de se chegar à loucura plena, para o sujeito não ver e perceber a dona fulana de tal chegar de mansinho e dizer: “hey, baby, venha cá. lets go. chegou sua hora. vamos dar uma voltinha por aí. vamos dar uma volta por lugares desconhecidos”. Então, descobri que atingindo o zen, existem muitos tipos de zen, você nem perceberá e sentirá o encontro com a nossa mensageira. talvez você nem a veja. pode até transcender de um plano astral para outro sem perceber nada. pelo menos é o que espero.

mas antes pretendo fazer muita coisa boa. viver a vida plenamente. ser feliz o tempo todo. afinal, só morre quem pensa ter alcançado o que busca. só assim você pode evitar um encontro mais traumatizante, mais sofrido. pode ter certeza de que um monge zen-budista ou seja lá o que for, nunca pensa na dona fulaninha.

não é necessário que seja o zen budismo, para não virar fanatismo, religião. basta apenas o sujeito fazer como faço. ficar muito numa nice sem esquentar a

cabeça com nada. ouvir muito blues, jazz e clássica. nunca se deve pensar na dona fulana que tem um encontro certo com você, antes ou depois da loucura. muitos malucos tentam encontrar o estágio da loucura por vários canais. uns são até natureba, assim como eu. estão quase no nível do vegetal. só falta o santo daime. outros, mandam ver na maria juana. mas sempre há os idiotas, imbecis, burros, os poltrões mesmo, que apelam para drogas pesadas como cocaína, ácido, heroína, skank, álcool e um monte de porcaria, só para ficar doidões por algumas horas. para terem fantasias desconhecidas. experiências da metafísica. do desconhecido. alguns encontram a dona fulana pela frente. calma galera! pega leve. vai na boa aí. tem lugar no planeta para todo mundo. vamos curtir numa boa. num zen total.

é isso aí. procurar fazer somente coisas que lhes dêem muito prazer. amar tudo com muita intensidade. não sair por aí, feito um porra-louca, procurando o que não perdeu. procurar não estressar com nada. não ter pressa para nada. pressa para quê? um dia ela vem mesmo. viver numa boa a vida inteira. fazer tudo que tiver vontade. procurar entender tudo que existe no planeta sem questionar, mesmo que não concorde. tente entender tudo que existe no planeta. sem preocupação alguma, que você chega lá. o importante é ser feliz. e ser feliz é estar contente com o que tem.

eu dizia que voltei da praia, depois de passar por tantos lugares paradisíacos, como porto seguro e salvador. gostaria de ter ficado muito mais tempo na praia. principalmente na ilha do mel. não me lembro se já falei que fui homenageado com o nome de uma prainha lá. a galera mais cabeça, os idealistas, os anjos da ilha do mel liderados pela minha querida amiga cher, resolveram me presentear com uma homenagem tão singela. adorei a homenagem. além de ficar eternizado, a “prainha do poeta maggiar villar de casanova”, fica num lugar de difícil acesso. é o único lugar em que posso ficar super à vontade. obrigado cher. te devo essa. mas você conquistou seus quinze minutos de fama.

queria ficar mais tempo na ilha, mas o teclado do meu computer me chama. a fama me chama. minha cota de vadiagem na praia já terminou. se bem que considero-me um eterno vagabundo. pretendo ser vagabundo o resto da vida. a palavra trabalho causa-me arrepios e calafrios. nunca aprendi a conjugar o verbo trabalhar. “hey man! what are you doing?” “lazy around, man. i’m in lazy around, forever, man! why?”.

agora tenho que encarar o teclado do meu Notebook Acer e ler muitos livros. mas só quando quero e tenho vontade. só que isso não é trabalho. é prazer puro. meu computer é meu camarada. convivemos muito numa nice. preciso arrumar um nome para ele. acho que vai ser camarada Acer.

a bíblia tem um personagem muito interessante. Onan. não sei como se escreve. onan ou onã. só sei que esse cara tem uma história muito interessante. o termo onanista, que psicanaliticamente pode ser explicado como um ato de não dividir o prazer sexual, o orgasmo com ninguém, me soa bem. é meio narciso. mas sei muito bem onde e quando devo ser um narciso. às vezes, faz bem para a alma. acho que isso é um sintoma de onanista.

estou na maior expectativa para curtir as ondas em floripa. não as ondas do mar, que não sou surfista e nem nada, por enquanto não, but..., mas as ondas da pós-modernidade que vou enfrentar num doutorado em literatura. vou queimar alguns neurônios nos próximos anos. não faz mal. é para o bem da humanidade e para o meu também. mas principalmente para o meu prazer. tenho muito tesão para estudar e mais ainda para escrever. a humanidade precisa de gênios (sic) e de escritores.

defendo a tese em que classifico a humanidade em classes. o mundo está cheio de comerciantes, mercantilistas. 99% da humanidade são comerciantes. mercantilizam tudo. desde o amor até uma flor. de uma rosa a um mandato político. para essa galera dos 99%, o amor é como uma mercadoria. e para se comercializar um produto, precisa-se de muito marketing. quando uma pessoa fica com outra, escolhe alguém, ela está fazendo um negócio. está fazendo uma sociedade. analisando o que ela tem de valores. não só o financeiro. mas tudo que envolve a aprovação do seu gosto, do seu prazer. tudo que a torna mais feliz. aí entra no negócio beleza, inteligência, dinheiro, poder, fama, status e mais uma lista de itens. costumo dizer que para alguém conquistar outra pessoa e convencer aquela a viver, dividir o mesmo teto com ela, é necessário que a primeira tenha e use um bom marketing. o amor é um jogo. um jogo de azar. podemos nos dar bem ou perder tudo que jogamos. arrisca quem quer. o amor é bilateral. não dá para ser unilateral no amor. a não ser que o sujeito seja meio andrógino e onanista como eu. somente o onanista pode ser unilateral no amor. ele é um narciso e não precisa dividir seu orgasmo com ninguém.

mesmo assim, gosto de ter minhas musas, ninfas, paraninfas. atualmente estou na fase de curtir mais as musas de balzac. dá um belo título de um conto. musas de balzac. acho que vou escrever um conto com esse título. é. acho que vou mesmo.

quanto ao resto da humanidade, o um por cento restante, digo que aí se encontram os idealistas, as almas puras, os anjos, os poetas, escritores, os artistas puros e autênticos. já os “fakes, os mercenários são mercantilistas. apenas um, umzinho por cento da humanidade são idealistas. e no meio destes ainda achamos muitos fakes.

maggiar villar de casanova

*maggiar villar de casanova é escritor e multimídia paranaense. autor dos romances “ovelha negra”, “a elaboração”, admirável ovo novo, entre outros.

maggiarvillar@hotmail.com

institutocasanova@hotmail.com